

Arquitetura e Ideologia: uma figuração do Comum, a partir de Casa Branca

SINOPSE:

Alunos finalistas da FAUL aliam-se aos integrantes da Estação Cooperativa de Casa Branca para equacionar um devir sustentável e imaginar um suporte vivencial para a comunidade, na aldeia ferroviária. Os trabalhos distenderam-se da figuração de um plano-suporte para a constituição de comunidade autossuficiente à reabilitação in situ, a aprofundar práticas construtivas de natureza vernacular.

ABSTRACT:

Final-year students from FAUL teamed up with members of the Casa Branca Cooperative Station to devise a sustainable future and imagine an experiential support for the community in the railway village. The work ranged from the figuration of a support plan for the constitution of a self-sufficient community to in situ rehabilitation, deepening vernacular construction practices.

Um coletivo formado por alunos finalistas da FAUL alia-se aos integrantes da Estação Cooperativa de Casa Branca, para equacionar um devir sustentável e imaginar um suporte vivencial para a comunidade, na aldeia ferroviária do Concelho de Montemor-o-Novo. Dilui-se a fronteira entre especialistas na figuração e potenciais destinatários da arquitetura, a favor de um estudo implicado com as condições vivenciais presentes, tendo em vista possibilidades futuras: cooperação, participação e integração distinguem-se com partes de uma aproximação ideologicamente comprometedora – a traduzir como constituintes do projeto.

Símbolo, programa, tipologia, materiais, fabricação, por sua vez, submetem-se a interpretação crítica, a partir de analogias de produções alternativas, comprometidas com considerações políticas, ambientais e económicas.

A montante e a jusante da produção de (mais do que) casas, a revitalização de Casa Branca interpela o papel da arquitetura na naturalização de relações de poder, reclamando-se do sujeito político emancipado uma afirmação sobre as possibilidades a materializar, a partir do quadro reconhecível de condicionalismos. A experiência é calibrada pela disjunção de ideologia como capacidade de creditar no ser-em-comum valores, a priori, estranhos à sua constituição social. Ou seja, seja reconhecendo-os alheios ou aceitando-os como próprios, associam-se ao objeto em estudo – de maneira dinâmica, não estanque – “quatro modos de implicação ideológica” [Hayden White, referido a Karl Mannheim, em *Ideologia e Utopia* (1929)]: a) anarquismo; b) liberalismo; c) conservadorismo; d) socialismo.

Rekursivamente, ao abrigo da autonomia concetual que radica na ideia de Universidade pública, acaba por disinguir-se uma didática desenvolvida como filtro interpretativo, suscetível de compadecer o que acontece além da circunscrição académica com as “escolhas científicas, didáticas e organizacionais próprias” que a definem. Na consciência de que tais escolhas – aos olhos dos nossos alunos e da sociedade onde participam – radicam numa matriz ética, capaz de disinguir entre a legalidade pressuposta e uma reflexão legítima. Por isso, concede-se liberdade instrumental capaz de veicular as interpretações divergentes que se disinguem em cenários complexos.

Cabe ainda perceber o exercício Casa Branca como libelo dirigido à benevolência de pressuposta autonomia disciplinar no ensino da arquitetura, ou como anttese para os ensaios de configurações e tectónicas (de cidades, paredes, e coisas outras...) que se pacificam a coberto de estratégias de imunização face ao político, ao social – e demasiadas vezes, indiferentes também à iniquidade económica.

Figuram-se propostas desde uma conceção utópica de uma “aldeia/suporte para a constituição de uma comunidade autossuficiente” até à participação em trabalhos de reabilitação in situ, para aprofundamento de técnicas de natureza vernacular.

Plausível, tamanha diversidade, quando no semestre é sempre abril.

[Architecture and Ideology: a figuration of the common, from Casa Branca (Montemor-o-novo)]

A collective made up of final-year students from FAUL joined forces with members of the Casa Branca Cooperative Station to consider a sustainable future and imagine an experiential support for the community in the railway village in the municipality of Montemor-

o-Novo. The boundary between specialists in figuration and potential recipients of architecture is blurred, in favor of a study involved with present living conditions, with a view to future possibilities: cooperation, participation and

integration are distinguished as parts of an ideologically committed approach - to be translated as constituents of the project.

Site, program, typology, materials, manufacture, in turn, are subject to critical interpretation, based on analogies of alternative productions, committed to political, environmental and economic considerations.

Upstream and downstream from the production of (more than) houses, the village revitalization questions the role of architecture in the naturalization of power relations, demanding from the emancipated political subject an affirmation of the possibilities to be materialized, based on the recognizable framework of constraints. The experience is calibrated by the distinction of ideology as the capacity to credit the being-in-common with values that are a priori foreign to its social constitution. In other words, whether recognizing them as alien or accepting them as one's own, "four modes of ideological implication" [Hayden White, referring to Karl Mannheim, in *Ideology and Utopia* (1929)] are associated with the object under study - in a dynamic, non-right manner: a) anarchism; b) liberalism; c) conservatism; d) socialism.

Recursively, under the conceptual autonomy that is rooted in the idea of a public university, we end up distinguishing a didactic approach developed as an interpretative filter, capable of making what happens beyond the academic circumscription compatible with the "scientific, didactic and organizational choices" that define it. In the awareness that these choices - in the eyes of our students - are rooted in an ethical matrix, capable of distinguishing between presupposed legality and reflected legitimacy. For this reason, instrumental freedom is granted, capable of conveying the divergent interpretations that are distinguished in complex scenarios.

Casa Branca exercise can also be seen as a libel directed at the benevolence of supposed disciplinary autonomy in the teaching of architecture, or as an antithesis to the essays on configurations and tectonics (of cities, walls, and other things...) that are pacified under the guise of immunization strategies in the face of the political, the social - and all too often, indifferent to economic iniquity as well.

Proposals range from a utopian conception of a village supporting the constitution of a "self-sufficient community" to participation in rehabilitation work in situ, to deepen vernacular techniques. Plausible, such diversity, when a semester is April.

SINOPSE:

Alunos finalistas da FAUL aliam-se aos integrantes da Estação Cooperativa de Casa Branca para equacionar um devir sustentável e imaginar um suporte vivencial para a comunidade, na aldeia ferroviária. Os trabalhos distenderam-se da figuração de um plano-suporte para a constituição de comunidade autossuficiente à reabilitação in situ, a aprofundar práticas construtivas de natureza vernacular.

ABSTRACT:

Final-year students from FAUL teamed up with members of the Casa Branca Cooperative Station to devise a sustainable future and imagine an experiential support for the community in the railway village. The work ranged from the figuration of a support plan for the constitution of a self-sufficient community to in situ rehabilitation, deepening vernacular construction practices.